

Lição 1 - Existe um Sexto Sentido? Os Objetos Sensíveis "Comuns"

TEXTO 424b22-425b10 - LIVRO III, CAPÍTULO I

EXISTE UM SEXTO SENTIDO?

OS OBJETOS SENSÍVEIS 'COMUNS'

Que não há outro sentido além dos cinco enumerados — refiro-me à visão, audição, olfato, paladar e tato — é sustentável pelas seguintes razões: §564-7

Pois, se temos sensação de todos os objetos do sentido do tato (todas as variedades do tangível sendo, de fato, perceptíveis por nós através do tato), então, se nos falta alguma [classe de] sensação, devemos também carecer de algum órgão sensorial. Ora, tudo o que percebemos pelo contato é perceptível para nós através daquele sentido do tato que de fato possuímos. Mas tudo o que percebemos através de um meio e sem contato é percebido por meio de elementos simples intermediários (refiro-me a elementos como ar e água); e [neste caso] as coisas estão dispostas de tal modo que, se vários objetos sensíveis, diferindo genericamente entre si, são perceptíveis através de um único meio, então, necessariamente, o que possui um órgão sensorial desse tipo pode perceber ambos os objetos — por exemplo, se o órgão é constituído de ar, então o ar é o meio tanto para a cor quanto para o som. Mas, se há vários meios para o mesmo objeto sensível, como o ar e a água o são para a cor (ambos sendo transparentes), o que possui apenas um ou outro [meio] perceberá o que vem através de ambos ou de qualquer um deles. §§ 568-70

Os órgãos sensoriais são formados apenas por esses dois corpos simples, ar e água. Pois a pupila é de água; o [órgão da] audição, de ar; e o olfato, de ambos. Mas o fogo não se encontra em nenhum, ou é comum a todos; pois nada sem calor é sensível. A terra ou não pertence a nenhum, ou está especialmente envolvida no tato. Donde resta que não há órgão sensorial sem ar e água. Ora, certos animais de fato possuem esses órgãos. Portanto, todos os sentidos são encontrados em animais que não são incompletos ou defeituosos (pois até mesmo a toupeira é observada como tendo olhos sob sua pele). Portanto, se não há outro tipo de corpo, e não há qualidades além daquelas dos corpos aqui presentes, nenhum sentido faltará a qualquer [tal] animal. §§ 571-4

Mas não pode haver um sentido próprio para as qualidades comuns que percebemos por qualquer sentido, e não apenas incidentalmente: tais como movimento, repouso, forma, tamanho, número,

unidade. §§ 575-6

Pois conhecemos todas estas pelo movimento: isto é, conhecemos o tamanho pelo movimento e, a partir do tamanho, a forma; pois a forma é, em si mesma, um tipo de tamanho. § 577

O que está em repouso conhecemos como não se movendo, e o número como a negação da continuidade e da identidade. Pois cada sentido percebe algo único, de modo que é impossível que haja um sentido especialmente adaptado a qualquer uma destas qualidades. § 578

A situação, nesse caso, seria como quando percebemos o que é doce pela visão. Isso acontece porque levamos em conta a sensação de ambos, de modo que, quando coincidem, nos damos conta disso. Se não fosse assim, perceberíamos isso apenas incidentalmente, como quando vemos o filho de Cleon não como o filho de Cleon, mas como algo branco; com o qual objeto coincide, por acaso, o fato de ser o filho de Cleon. Mas temos um sentido geral para as qualidades comuns. E isso não apenas incidentalmente. Portanto, não há um sentido próprio [para elas]. [Se houvesse] nunca as perceberíamos, exceto da maneira como dissemos que vemos o filho de Cleon. Os sentidos percebem incidentalmente o que é próprio um do outro; [percebendo] não em sua capacidade específica, mas na medida em que formam um único sentido — como na percepção da bile como sendo tanto avermelhada na cor quanto amarga. Não pertence a nenhum sentido julgar que estas são qualidades de uma mesma coisa. Daí surge a visão equivocada de que, se algo é avermelhado, é bile. §§ 579-81

Poder-se-ia perguntar por que temos vários sentidos e não apenas um. Seria para que as qualidades comuns, que são conseqüentes às próprias, se tornem menos obscuras — movimento, dimensão, número? Pois, se não houvesse sentido senão a visão, e esta apenas do branco como objeto, certamente essas qualidades seriam muito obscuras para a apreensão, e todas as coisas pareceriam iguais, porque cor e dimensão sempre andam juntas. Mas o fato de haver qualidades comuns alcançadas por vários sentidos torna evidente que cada uma delas é um objeto distinto. §§ 582-3

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO UM

§ 564. Aqui começa o Livro III no texto grego; aparentemente pelo bom motivo de que é aqui que Aristóteles começa a examinar o intelecto. Ora, houve filósofos que negaram toda diferença entre intelecto e sentidos. Mas, claramente, o intelecto não pode ser nenhum dos sentidos exteriores já considerados; pois sua apreensão não está restrita a nenhuma classe particular de objetos sensíveis. Então, a questão é se a sensibilidade inclui alguma outra faculdade cognitiva que possa dar suporte à visão de que o intelecto é, de alguma forma, um dos sentidos.

§ 565. Esta seção divide-se em três. Primeiro, ele pergunta se há algum outro sentido além dos cinco sentidos exteriores. Em seguida, em 'Agora, se a alma é definida', ele prova que o intelecto é inteiramente distinto dos sentidos. Em terceiro lugar, em 'Quanto à parte da Alma', ele examina a parte intelectual da alma, agora claramente distinguida dos sentidos. A primeira dessas seções tem duas partes: (a) ele mostra que não há outros sentidos particulares além dos cinco exteriores;

e (b) ele mostra que, além destes, há um sentido comum — isso vem em 'Já que percebemos que vemos'. Com relação a (a), após provar que existem apenas cinco sentidos particulares, ele mostra por que existem vários deles e não apenas um. A prova anterior divide-se em duas: primeiro, ele mostra que apenas os cinco sentidos apreendem 'sensíveis' particulares; e depois, em 'Mas não pode haver', que os mesmos cinco são os únicos sentidos a apreender 'sensíveis' comuns.

§ 566. Para provar o primeiro destes dois pontos, ele argumenta assim. Se um sujeito possui um órgão sensorial em virtude do qual uma certa e definida gama de objetos sensíveis é naturalmente perceptível, este órgão é o meio pelo qual ele percebe aqueles objetos. Mas os animais superiores são dotados de todos os órgãos dos sentidos; portanto, eles podem perceber toda a gama de objetos sensíveis; e como esses órgãos são apenas cinco em número, toda a gama de objetos sensíveis particulares é coberta pelos cinco sentidos orgânicos.

§ 567. Ao propor este argumento, Aristóteles começa declarando seu propósito ao usá-lo, i.e., convencer a todos de que não há outros sentidos além dos cinco mencionados.

§ 568. Em seguida, em 'Pois se', ele explica a premissa maior do argumento: que um sujeito possuidor de qualquer órgão sensorial pode conhecer tudo o que pode ser conhecido por aquele órgão. Ele mostra isso a partir do tato. Obviamente, existem certas qualidades tangíveis, a saber (como foi dito), as várias modificações dos corpos elementares como tais; pois o que foi dito sobre os quatro elementos tornou claro que existem tais modificações. E todas essas qualidades tangíveis, como tais, caem dentro do alcance da nossa sensação.

§ 569. Ele então aplica o mesmo princípio — que temos consciência precisamente daqueles objetos que correspondem a um dado órgão sensorial em nós — aos outros sentidos. Assim, ele diz: se sentimos algo tactualmente perceptível, de modo que todas as qualidades tangíveis, como tais, são sentidas por nós, podemos então argumentar em geral que, se de fato não percebemos uma qualidade sensível, a razão deve ser que nos falta o órgão sensorial ao qual ela corresponde; precisamente porque, se temos um órgão sensorial, percebemos certas qualidades sensíveis. E esta generalização é então apoiada com exemplos particulares.

§ 570. E primeiro com respeito às coisas que apreendemos sem qualquer meio extrínseco; pois ele diz que tudo o que sentimos 'por contato', i.e., sem um meio extrínseco, é alcançado pelo órgão do tato (sob o qual ele inclui o paladar). Mas onde, como nos outros sentidos, certos meios extrínsecos, substâncias simples como ar e água, se interpõem entre nós e o objeto, é relevante observar que um mesmo órgão pode transmitir apreensões de vários objetos diferentes em espécie; e nesse caso, o sujeito que possui o órgão apreende coisas diferentes em espécie. Por exemplo, se um órgão sensorial contém ar, e o ar naturalmente retém e transmite tanto cor quanto som, então um sujeito com um órgão contendo ar será capaz de sentir tanto cor quanto som. Se, ao contrário, vários órgãos diferentes podem atingir o mesmo objeto sensível — como acontece no caso de órgãos compostos, um de ar, outro de água, que são ambos transparentes e, portanto, ambos receptivos à cor —, então um sujeito com qualquer um desses órgãos é capaz de perceber tudo o que é perceptível através, ou por meio de, todos eles. A razão para ele dizer isso é que os órgãos dos sentidos que funcionam através de um meio extrínseco sempre correspondem a esse meio; e o fato é que o mesmo objeto sensível, por exemplo, odor, pode alcançar animais diferentes através de meios diferentes, e.g., através da água assim como do ar.

§ 571. Em terceiro lugar, em 'Os órgãos dos sentidos são formados', ele faz e explica uma afirmação adicional: que os animais superiores possuem todos os órgãos dos sentidos. Esses órgãos, ele diz, são por natureza compostos apenas de dois dos corpos simples, a saber, ar e água — sendo estes os dois corpos simples mais passivos, e uma pronta passividade ao objeto sensível sendo a condição exigida em um órgão sensorial. Assim, a pupila do olho contém água, permitindo ao olho receber uma semelhança da coisa que vê; o órgão da audição contém ar (como já notamos); enquanto o olfato é relacionado por alguns ao ar e por outros à água. O fogo, por outro lado, devido à sua extrema atividade, não desempenha nenhum papel nos órgãos dos sentidos, embora de certa forma sua presença seja sentida em todos os sentidos; pois a sensibilidade sempre pressupõe calor porque sempre pressupõe vida.

§ 572. Enquanto a terra como tal não tem nada a ver com os órgãos dos sentidos como tais, ela é de uma maneira especial uma condição do tato: pois é misturada ao corpo em uma certa proporção definida que 'determina aquele meio entre os extremos tangíveis que dá ao corpo um sentido de tato; de onde se segue que o órgão do tato contém todos os elementos misturados em uma certa proporção. Mas precisamente como sensitivos, os órgãos dos sentidos são feitos de ar e água e somente destes; e os órgãos compostos de ar ou água são encontrados naqueles animais que chamamos de 'animais superiores'. Assim, ele conclui dizendo que, além dos organismos naturalmente inferiores, como os animais imóveis que têm apenas o sentido do tato, todos os animais são dotados de todos os órgãos dos sentidos.

§ 573. Além disso, exceto os 'defeituosos', i.e., animais que carecem de um sentido que deveriam ter por natureza, como cegos ou surdos. Mas as toupeiras, por exemplo, são 'animais superiores', tendo olhos sob a pele. Vivendo debaixo da terra, elas não precisam de visão; e se seus olhos estivessem descobertos, o solo os irritaria.

§ 574. Claramente, este argumento assume um número definido de elementos. Infere que, porque existem apenas tantos elementos, os órgãos dos sentidos que alcançam seus objetos através de um meio exterior devem ser compostos exclusivamente de ar e água. Novamente, presume um número fixo de qualidades elementares que são também as qualidades tangíveis; e infere que todas estas últimas são conhecidas por nós; e que, portanto, estamos equipados com todas as faculdades sensoriais que existem. Essas conclusões só poderiam ser refutadas mostrando-se, ou que havia algum outro elemento corpóreo além dos quatro conhecidos por nós, ou que havia outras qualidades tangíveis (nas coisas ao nosso redor e conhecidas por nós), além daquelas que de fato percebemos pelo tato. Mas não há necessidade de entreter tais hipóteses, e podemos concluir com segurança que os cinco sentidos que possuímos são os únicos sentidos que existem.

§ 575. Então, onde ele diz, 'Mas não pode haver', ele rejeita a sugestão de que os 'sensíveis comuns' são o objeto de um outro e distinto sentido. Pois o objeto próprio e direto de um sentido qualquer só é conhecido indiretamente por qualquer outro sentido; mas os sensíveis comuns não são conhecidos indiretamente por nenhum sentido; ao contrário, cada um deles é diretamente conhecido por vários sentidos. Portanto, eles não podem ser os objetos próprios de um único sentido.

§ 576. Observe como este argumento procede. Aristóteles primeiro afirma a conclusão, de que não pode haver nenhum órgão especialmente adaptado à percepção dos 'sensíveis comuns' percebidos

diretamente, não indiretamente, por todos os sentidos, a saber, movimento, repouso e assim por diante.

§ 577. Em seguida, em 'Pois sabemos', ele mostra que esses sensíveis comuns são percebidos diretamente, não indiretamente. O que entra na sensação precisamente ao perturbar o órgão dos sentidos é sentido diretamente, não indiretamente; pois sentir diretamente é simplesmente receber uma impressão de um objeto sensível. Ora, todos esses sensíveis comuns são sentidos dessa maneira, e por isso ele diz que os apreendemos pelo 'movimento', i.e., através de alguma perturbação do órgão. O tamanho, por exemplo, é obviamente sentido dessa forma: é o sujeito de qualidades sensíveis como cor ou sabor, e nenhuma qualidade é capaz de agir separadamente de seu sujeito. Disso segue que a forma também é conhecida dessa maneira, pois a forma é um aspecto do tamanho; é o tamanho como terminado. Como diz Euclides, a forma é o que está contido em um limite.

§ 578. O repouso também é percebido por meio do movimento, assim como a escuridão por meio da luz, pois o repouso é a ausência de movimento. O número também, visto que vem da divisão de um contínuo ou magnitude contínua, é apreendido como a negação deste último, e suas propriedades são conhecidas através daquelas do contínuo; pois assim como o contínuo é infinitamente divisível, os números podem prosseguir ao infinito, como é mostrado no Livro III da *Física*. Ora, é claro que todos os objetos de qualquer sentido constituem um único objeto direto desse sentido, na medida em que concorrem para afetar o órgão desse sentido; donde segue que esses 'sensíveis comuns' pertencem aos objetos diretos, não aos indiretos, da sensação; e, além disso, que nenhum deles é o objeto de qualquer sentido distinto e especial.

§ 579. Em seguida, em 'A situação etc.', ele mostra que se fossem objeto de algum sentido especial, eles seriam também 'sentidos indiretamente'. É isso que ele quer dizer ao afirmar que a hipótese em questão implicaria que percebemos os sensíveis comuns da mesma forma que vemos a doçura. Pois a doçura e (e.g.) a brancura correspondem cada uma a um sentido distinto e especial; portanto, quando ambas as qualidades são encontradas na mesma coisa, cada uma é conhecida diretamente pelo seu próprio sentido especial e indiretamente pelo do outro. Pela visão, conhecemos a brancura diretamente, a doçura indiretamente.

§ 580. Mas se um objeto não é percebido diretamente por nenhum sentido especial distinto, nunca poderá tornar-se o objeto indireto de qualquer outro sentido através da concorrência de dois sentidos ou sensíveis na mesma coisa; deve sempre, em todos os aspectos, ser percebido indiretamente. Assim, percebo indiretamente que fulano é filho de Cléon, não porque ele seja filho de Cléon, mas porque ele é branco; a brancura como tal está apenas acidentalmente conectada ao filho de Cléon. Ser filho de Cléon não é (como a doçura) indiretamente visível de modo a implicar que seja diretamente percebido por algum outro sentido. Por outro lado, os sensíveis comuns não são sensíveis indiretamente de forma alguma; são um objeto comum, mas direto, de vários sentidos distintos. Segue que não correspondem a nenhum sentido especial e distinto; se correspondessem, seriam sentidos indiretamente, como o fato de que fulano era filho de Cléon.

§ 581. Pois os sentidos percebem indiretamente os objetos especiais uns dos outros, como a visão percebe os da audição, e vice-versa. A visão não percebe o audível como tal, nem a audição o visível como tal (pois o olho não recebe impressão do audível, nem o ouvido do visível), mas

ambos os objetos são percebidos por cada sentido apenas na medida em que ‘um sentido’, i.e., uma sensação atual, por assim dizer, incide sobre um objeto que contém ambos. Quero dizer que ambos os sentidos em questão são exercidos ao mesmo tempo sobre uma única e mesma coisa sensível, como quando a bile é ao mesmo tempo vista como vermelha e provada como amarga; de modo que, assim que vemos que esta coisa é vermelha, julgamos que ela é amarga. Mas não há sentido especial da conjunção de vermelhidão e amargor, pois essa conjunção é bastante accidental, e o que é accidental não pode ser objeto de nenhuma faculdade especial. E o fato de a visão conhecer apenas indiretamente o sabor nos ajuda a entender por que somos tantas vezes enganados em tais casos e saltamos para a conclusão de que, porque certa coisa é, por exemplo, vermelha, ela é, portanto, bile.

§ 582. Em seguida, em ‘Alguém poderia perguntar’, ele prossegue indagando por que há muitos sentidos. Como esta é uma questão sobre uma espécie como um todo, deve ser respondida em termos de causalidade final (como ele explica perto do fim do *De Generatione Animalium*); não, como perguntas sobre peculiaridades individuais, em termos de causalidade material ou eficiente. Assim, aqui ele introduz a ideia de propósito. A questão poderia surgir, ele diz, por que temos vários sentidos, em vez de apenas um; e ele responde que é para nos permitir discernir coisas como movimento, tamanho e número, que são ao mesmo tempo acompanhamentos de cada objeto sensível distinto e próprio e também comuns a todos eles. Pois suponha que houvesse apenas o sentido da visão, cujo objeto próprio é simplesmente a cor; então, como a impressão da cor no órgão dos sentidos envolve imediatamente uma impressão de tamanho, de modo que os dois objetos são inseparáveis, nunca seríamos capazes de distinguir entre cor e tamanho; eles nos pareceriam exatamente a mesma coisa. Mas o fato de o tamanho ser também percebido por um sentido diferente da visão, enquanto a cor não o é, é suficiente para nos mostrar que tamanho e cor não são a mesma coisa. E o mesmo vale para os outros sensíveis comuns.

§ 583. A isso, poder-se-ia acrescentar também a seguinte razão. Uma vez que toda potência como tal implica um objeto, deve haver uma diversidade de potências sensitivas se, e da maneira que, há uma diversidade de objetos sensíveis. Mas os objetos tornam-se sensíveis ao impressionar um órgão dos sentidos; portanto, aos diferentes tipos dessas impressões corresponderá uma diversidade de potências sensitivas. Ora, uma maneira pela qual o órgão dos sentidos é impressionado pelos objetos é através do contato físico, de onde surgem tanto o tato, que percebe o que compõe a constituição física de um animal, quanto o paladar, perceptivo daquelas qualidades que indicam a adequação do alimento de um animal para manter seu corpo em existência. E outra maneira pela qual o órgão dos sentidos pode receber sua impressão é através de um meio; e isso envolve ou uma mudança intrínseca no próprio objeto, como no caso do olfato, que implica certa desintegração da coisa cheirada; ou uma mudança de lugar, como no caso do som; ou nenhuma mudança no objeto sensível, mas simplesmente uma impressão espiritual sobre o meio e o órgão dos sentidos, como é feita pela cor.